

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Letícia Bastos Mendes

**O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA EM PAULO FREIRE**

Porto Alegre  
2º SEMESTRE  
2014

**LETÍCIA BASTOS MENDES**

**O Processo de Formação da Consciência em Paulo Freire**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Jaime José Zitkoski

Porto Alegre

2º SEMESTRE

2014

## Com carinhos e suspiros,

Agradeço a todas aquelas e todos aqueles que estiveram juntos no caminho que trilhei enquanto a graduação em Pedagogia fez parte de minha vida. Agradeço pelas experiências que compartilhei dentro e fora da universidade, e aquelas que me foram oportunizadas por estar nela, por aquelas pessoas que viam a universidade como uma forma do conhecimento e não a única verdade, mas como parte da ciência e em parte desenvolvida a partir da expropriação do conhecimento e trabalho dos trabalhadores e das trabalhadoras.

Agradeço a minha mãe Rosa, cheia de vida como a semente desta linda flor, por apostar em meus estudos, meus desejos de descobrir, de não ser água parada, mas rio.

A meu pai Fernando por sua injeção de ânimo e por ter me apresentado no fim da faculdade sua compreensão que esta etapa é uma etapa, e não a explicação ou o fim último pelo qual o resto de uma vida deve se basear e se ancorar.

Aos dois por botarem sua energia por muitos anos em forma de trabalho para que eu pudesse concluir minha graduação e aprofundar meus conhecimentos com empenho e maior tranquilidade.

A meus três maninhos que a relação com eles, e sua transformação, me fez pensar o que pode ser a Pedagogia, me enxergar como educadora, e perceber que aqueles que pensamos que depositamos coisas, nos surpreendem com suas concepções, seus ensinamentos, seus contrapontos, e o mínimo que devemos àqueles que amamos ou que esperamos ver brotar novidades é que estabeleçamos uma posição de diálogo, apoio e humildade.

A minha família que mesmo eu distante, sei que apoia, e sei que se alegra por eu estar concluindo esta etapa.

As professoras e aos professores da FACED que acompanharam minha caminhada na Pedagogia, sempre apoiando, animando, me fazendo refletir, com coerência e amor: Marlene Ribeiro, Carmen Machado e Paulo Albuquerque. Agradeço às vezes que lhes vi em aula, lhes vi indignados, às vezes que lhes vi chorar, e que lhes vi rir... Seu amor pela educação, seu respeito com estas e estes que compartilham da experiência do aprender e ensinar.

Ao me orientador Jaime Zitkoski por me auxiliar no conhecer Freire, seu pensamento, sua proposta e suas experiências.

As colegas, amigas e amigos (e por muitas vezes professores e professoras), em especial, Felipe Bischoff, Marília Cerciná, Aline Guilhão, Patrícia Gonçalves, Deisiane Lopes, Katiane Machado com quem pude muitas vezes viajar longe nas possibilidades de uma ação pedagógica pra além do aprisionar o espírito e o corpo, mas de buscar sua contribuição para a emancipação do ser humano. E tantas outras lindas criaturas que durante estes anos encheram minhas orelhas de *pulguinhas* querendo respostas para suas milhares de perguntas.

A capoeira, irmã, que me deu mais uma família, que me diz, que manda chamar, que às vezes me pede licença pra me carregar um pouquinho, e me diz “agora já chega de ser carregada”. Pelas doçuras, mandinga,

camaradagem que aprendi no ato de educar da capoeira, um salve. E a família Raízes do Sul, meu agradecimento por me incentivar tanto em ser educadora, e ter me possibilitado acreditar nisso, em momento que achei que isso pra mim não servia.

Às turmas em que tive a oportunidade de ser professora, estagiária, educadora nas escolas estaduais Presidente Roosevelt, Emílio Kemp e Oscar Pereira, na escola de Educação Infantil Tio Barnabé. Às suas professoras, que sempre me acolheram, com respeito, cuidado e me ensinaram muito, em especial a professora Ivanete Azevedo que acompanhou meu estágio obrigatório, e me ajudou a enxergar o desafio que é ser educadora.

Àqueles e àqueles que estiveram comigo na correnteza que a busca do criticar e conhecer a si mesmo e àquilo que se construiu provoca, que durante esses anos, me fizeram perceber que o conhecimento, sua busca, sua produção tem lado, tem interesses e que ficar em cima do muro é só uma expressão que indica o lado que você realmente está.

A Tainha, a Jean Sarará, a Indiana, a Roger Ferreira, à Caboca, Arara, Titipa, Bodão, Dom, Rasfudo, Vivi, Mestre Kunta, Contra-mestre Morena, Mestre Raimundo Dias, Vivi Malheiro, Edson Silva, Fabianinho pelas longas prosas sobre educação, sobre o ensinar e o aprender, por me oportunizar conhecer suas experiências educativas e por me questionarem sobre meu papel enquanto educadora. A Gutcha, Adri, Andressa Ferreira, Bruno, camaradas de casa da última fase do curso que foi bem difícil pra mim, e que deram muito apoio. A Maura (minha *mainha* em Salvador), Ticiani e Akkani (mano e mana) e Veronica que me acolheram na minha busca por parte de mim nessa terra linda. À Verinha Russo, à Nei Ortiz com muito carinho. Ao calor humano da CEU-UFRGS (Casa do Estudante) de suas diversas personagens com ricas histórias, com mate quente, prosas, cheiros, sons, risadas e músicas no hall.

À Javier Bonga luthier, trompetista e *candombero* uruguaio, morador de Buenos Aires, por me permitir ser sua aprendiz na arte de transformar a natureza em arte, por ter me aproximado da música, por ser duro e terno nos devidos momentos, e por me animar a terminar esses meus estudos para me dedicar a arte de tocar e cantar. À Celeste Martinez – minha primeira professora de flauta transversal, exigente e atenta – com quem aprendi que dureza é parte do ensinar, assim como, amar. À Heleno Gourllart percussionista que andou o mundo inteiro aprendendo a linguagem infinita da música, grande educador que me ensina sempre algo novo sobre a música, sua sensibilidade e sobre essa imensidão que é a vida.

A essa gente de Salvador, a essa gente de Torres, a essa gente de São Paulo, de Buenos Aires, de Uruguai, a essa gente em trânsito *num sei lá aonde* que deixou marcas nessa caminhada do conhecer, do buscar, do meter o pé sem medo, meus agradecimentos e meu respeito.

A tantas e tantos: sorrisos e beijos, assim como compromissos...

lê mendes  
luna

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA EM FREIRE tem como objetivo compreender as características dos níveis de consciência e seu processo de transformação na obra freireana. Para melhor aprofundamento destas características teve-se como ponto de partida os conceitos de homem e cultura em Freire, compreendendo que estes são fundamentais para elaboração quanto à consciência em Freire. Foram realizadas leitura e análise de quatro obras, tais como: *Educação como prática da liberdade*; *Extensão ou comunicação?*; *Pedagogia do oprimido* e *Conscientização*, sendo a primeira a referência principal. Nesse processo, foram levantados os elementos que dão unidade e coerência ao pensamento freireano sobre a questão da formação da consciência. Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de aprofundamento sobre a pedagogia freireana em sua matriz crítico-problematizadora. A autora entende que as conclusões deste estudo referem-se a um determinado período de elaboração da obra freireana. Pois, nos anos 80 e, principalmente nos escritos dos anos 90, Paulo Freire redimensiona suas propostas dialogando com o contexto da redemocratização na América Latina e da análise crítica da globalização neoliberal. Conclui-se que o estudo e a apreensão da realidade e da consciência em seus movimentos são fundamentais para a intervenção do educador crítico em seu papel de liderança e atuação política, pois a educação segundo Freire jamais será neutra.

**Palavras-chave:** Níveis de consciência; Educação; Pedagogia Freiriana; Conscientização

## SUMARIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>O HOMEME O QUE LHE É PROPRIO: A CULTURA .....</b>	<b>10</b>
2.1	O SER HOMEM .....	10
2.2	O QUE É PRÓPRIO AO HOMEM: A CULTURA .....	16
2.3	LIBERDADE COMO LIBRETAÇÃO .....	18
<b>3</b>	<b>O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA.....</b>	<b>20</b>
3.1	O TRÂNSITO.....	20
3.2	AS SOCIEDADES REFLEXAS E A INTRASITIVIDADE DA CONSCIÊNCIA .....	24
3.3	SOCIEDADE EM TRANSITO E A TRANSITIVIDADE INGÊNUA .....	29
3.4	TRANSITIVIDADE CRÍTICA DA CONSCIÊNCIA .....	32
<b>4</b>	<b>A CONSCIENTIZAÇÃ PARA SUPERAÇÃO DA MASSIFICAÇÃO..</b>	<b>37</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES EM ABERTURAS .....</b>	<b>42</b>
	<b>REFERENCIAS .....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) tem como objetivo refletir sobre alguns aspectos da obra de Paulo Freire. Diante da ampla obra freireana sobre sua práxis pedagógica, concepção de educação e reflexão filosófica sobre a sociedade, detenho-me a um estudo e análise sobre o processo de formação da consciência do homem e o trabalho pedagógico a ser feito considerando as diferentes fases que a consciência toma.

Durante meu percurso no Curso de Pedagogia da UFRGS pude ter alguma aproximação dos textos de Paulo Freire, mas sem maior aprofundamento no espaço de sala de aula, porém foi leitura que permeou boa parte de meus trabalhos acadêmicos, assim como autores como Álvaro Vieira Pinto, Gramsci e Frantz Fanon com quem Freire nos seus escritos dialoga. Portanto, este trabalho pretende ser um horizonte para outros estudos que aprofundem as problemáticas que a aproximação com os conceitos de *intransitividade*, *transitividade ingênua* e *transitividade crítica* da consciência possam resultar.

Alguns elementos são importantes serem colocados a fim de que se possa refletir adiantadamente sobre os limites e potencialidades deste trabalho.

A obra de Freire, como já disse, é extensa, fruto de suas experiências pedagógicas, das experiências de transição democráticas que diferentes países estavam passando, diferentes contextos políticos e econômicos. Sua elaboração teórica acompanha esses movimentos, portanto, sofre mudanças. Meu propósito neste trabalho não é observar, documentar e analisar o movimento do seu pensamento quanto ao processo de consciência de suas primeiras publicações até as últimas, e um dos principais motivos é o limite de tempo e o caráter de aproximação por minha parte de sua obra, apesar de ser um tema pelo qual tenho grande interesse.

Sendo assim optei por estudar e me aprofundar em quatro obras: *Educação como Prática da Liberdade*, escrito em 1967; *Extensão ou Comunicação?* de 1971 e *Pedagogia do Oprimido* de 1974 e *Conscientização* de 1979. No entanto é a primeira delas que me serve de base para análise conceitual.

Outro elemento importante é a época em que Freire escreve as duas primeiras obras. Ele usa duas categorias que parecem ser fundamentais para sua elaboração quanto às formas de consciência que são: *sociedades reflexas* e *sociedades em transição democrática*. A obra *Educação como prática de liberdade*, apesar de ser publicada pela primeira vez no ano de 1967, é uma reflexão sobre o processo vivido pelas classes populares no período pré-governo Goulart, sua ascensão como presidente da nação e pré-golpe militar que coloca as experiências de alfabetização e de movimentos populares reivindicativos na clandestinidade ou acaba com as mesmas. É sobre esse contexto e mudanças que se davam rapidamente na sociedade brasileira que podemos compreender melhor a noção de *sociedades reflexas* e *sociedades em transição democrática*.

Então se exige que este trabalho apresente, embora brevemente, a leitura que Freire fazia do momento histórico que o país estava vivendo, que se aproxima do contexto chileno (onde Freire se exila e continua suas propostas pedagógicas) na época de escrita de *Extensão ou Comunicação?*. Este não é um trabalho de caráter antropológico, sociológico, filosófico, histórico, mas a obra de Freire não é compreensível sem a articulação dessas áreas. Portanto, é necessário trazer sua leitura sobre a sociedade em que vivia, mas o que neste trabalho será breve. É indispensável por parte do leitor que busque as fontes originais, e da própria acadêmica continuar seus estudos sobre esse período riquíssimo da história brasileira.

É pertinente quando se estuda sobre processo de consciência em Freire ratificar que a proposta freireana prioriza a inter-subjetividade. Ou seja, o viés não subjetivista, que muitas vezes foi priorizado pela psicologia da educação.

Pontuo estes elementos porque me parece importante trazer mesmo que brevemente nesta introdução a abrangência da obra de Freire, e pelos caminhos nas diferentes áreas que o autor faz para ir estabelecendo as bases de sua concepção de educação e Pedagogia.

Esta pesquisa é de cunho puramente bibliográfico. Foram analisadas as obras já citadas e buscou-se trazer elementos a fim de que algumas categorias fossem sistematizadas. Fiz a opção de organizar o trabalho da seguinte forma:

No capítulo *O homem e o que é próprio: a cultura* apresento a concepção de homem, cultura e liberdade em Freire, que me parecem ser fundamentais para compreender os níveis e processo de formação da consciência quanto às obras foco de minha investigação.

Decidi por compreender os níveis de consciência a partir da sua íntima relação com a realidade que o sujeito seja coletivo ou indivíduo vive, assim como Freire parece propor. Para tanto, seguindo a estrutura do livro *Educação como Prática da Liberdade* analiso os níveis de consciência a partir dos conceitos de *sociedade reflexa*, *sociedade em transição democrática* e *sociedade democrática*. Portanto no capítulo *O processo de formação da consciência em Freire* disserto sobre as características das três formas da consciência e do ato educativo proposto por Freire para a garantia de uma consciência transitiva crítica.

No capítulo *Conscientização como superação da Massificação* explico o conceito de *conscientização* em Freire na sua dimensão histórica, e por isso também utópica e crítica, e trabalho alguns elementos do que seria para Freire uma educação problematizadora que visasse a conscientização.

A relação que aquela que estuda deve ter com o que estuda é de pergunta, é de reflexão, de tensão, de nó, de *pulga atrás da orelha* (como me dizia uma grande educadora). Esse trabalho teve diferentes momentos de tensão, e como se tornavam gostosos à medida que da tensão começavam a brotar perguntas e mais perguntas.

A parte final deste trabalho de conclusão de curso de um início de aproximação, a dita *conclusão*, é onde posso mostrar um pouco do que foi todo este estudo: um espaço de muitas perguntas e críticas a cada vez que entendia que alguns conceitos haviam sido captados por mim. São perguntas e mais perguntas formuladas a partir de compreensões, ruídos, estranhamentos, outros estudos realizados, prosas em botecos, em quartos alheios, entre rodas de violão. Portanto, entenda-se que ali não cabe que eu coloque de onde cada qual pergunta surgiu, qual autor, página, qual referência bibliográfica! Deixo tantas citações e *parafernalias* normativas para caso a continuidade deste estudo por minha parte seja feito a partir da academia. São perguntas, deixemos que respirem sem tantas rédeas!

## 2 O HOMEM E O QUE LHE É PRÓPRIO: A CULTURA

### 2.1 O SER HOMEM.

Em *Educação como prática da liberdade* (2007), Freire já exilado, reflete sobre as experiências de alfabetização, organização e educação popular no Brasil antes do golpe militar de 1964. Reserva um espaço para relatar o trabalho realizado nos Círculos de Cultura e Centros de Cultura, primeiramente organizado em Recife, em primeiro momento centrado no debate da cultura. Em seu relato é possível perceber a importância de duas categorias fundamentais para se pensar o ato pedagógico: *homem*<sup>1</sup> e *cultura*. Assim também me parece que essas duas categorias e seu conteúdo são fundamentais para compreensão da concepção de educação e pedagogia em Freire. No mesmo caminho faz-se necessário visitá-las em Freire para compreender o aspecto da formação da consciência e seus níveis<sup>2</sup>.

Para Freire o ser *homem* diferencia-se do *animal* por ser um ser que além de estabelecer contato com a natureza, a transforma num sentido de devir. É o homem responsável por criar o mundo. Portanto, o mundo é humano, mesmo que a depender do nível de sua consciência não percebe como sendo sua obra. Um ser que ao responder ao mundo e à natureza diante dos desafios, também se transforma, se modifica. Responde, mas também pergunta, testa, observa, prevê, planeja, reflete, critica e refaz. O homem é produto da sua própria ação e da relação que estabelece com aquilo que cria.

O conceito de relações, da esfera puramente humana, guarda em si, como veremos, conotações de pluralidade, de transcendência, de

---

<sup>1</sup> Freire em *Educação como Prática da Liberdade* (2007), um dos textos base deste trabalho, utiliza o termo *homem*. Em *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido* (1992) o autor faz uma autocrítica a não utilizar o termo homem e mulher ou ser humano, ao que lhe criticavam por sua escrita machista. Portanto, tendo o primeiro texto citado como base neste trabalho, e tendo como objetivo apreender o processo de sua elaboração teórica opto por utilizar o termo *homem*.

<sup>2</sup> Os termos estudados neste trabalho se referem à nomenclatura que Freire utiliza na obra *Educação como Prática da Liberdade* (2007) para se referir aos níveis da consciência: intransitiva, transitiva ingênua, transitiva crítica. Cabe ressaltar que em *Conscientização* (1980) outros termos aparecem no sentido de classificar os níveis de consciência como: consciência real e consciência máximo possível. Considero, já feito o alerta, que para dimensão e limitações deste trabalho não prejudica a compreensão e o objetivo proposto, pelo contrário enfatiza a necessidade de continuar o estudo por parte da acadêmica, a fim de sistematizar o processo, caminhada e pensamento de Freire, assim como seu diálogo com diferentes autores. Como foi explicitado na introdução, a obra *Educação como Prática de Liberdade* é a base deste estudo.

criticidade, de consequência e de temporalidade. As relações que o homem trava no mundo com o mundo (pessoais, interpessoais, corpóreas e incorpóreas) apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal. (FREIRE, 2007, p.47)

A relação humana com o mundo é *plural*, responde de diversas maneiras os desafios, a cada geração ou na mesma geração os homens vão aprendendo e descobrindo diferenciadas formas de resolver seus problemas. Os homens em conjunto respondem de formas variadas ao mesmo desafio. Diante de uma mesma questão cada homem pode ter leituras e formas de agir diferentes. Já os animais sendo da mesma espécie respondem todos iguais às movimentações da natureza, estes têm respostas padronizadas, sua resposta será sempre mesma.

Outro elemento importante é que o homem diante do mesmo desafio pode responder de variadas formas, testando, observando o efeito de sua ação, e a modificando. À medida que resolve um problema, cria outros e dessa forma cria o mundo, a partir do trabalho.

Há uma pluralidade nas relações do homem com o mundo, na medida em que responde à ampla variedade dos seus desafios. Em que não se esgota num tipo padronizado de resposta. A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem de seu contexto, mas em face de um mesmo desafio. No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Escolhe a melhor resposta. Testa-se. Age. Faz tudo isso com a certeza de quem usa uma ferramenta, com a consciência de quem está diante de algo que o desafia. (FREIRE, 2007, p. 47)

O fato de ter a capacidade de observar, criar e refletir sobre o criado, já lhe dá uma “nota de *criticidade*”(FREIRE, 2007). As ligações que faz para compreender os diferentes fatos que se multiplicam a sua volta, ao compor uma lógica que explique o seu mundo, esta já se apresenta como uma ação naturalmente crítica. O animal não é capaz de criticar o que faz. Sendo a esfera animal a esfera dos contatos, este tem respostas reflexas às condições naturais, adapta-se às condições.

A captação que [o homem] faz dos dados objetivos de sua realidade, como laços que prendem um dado a outro, ou um fato a outro, é naturalmente crítica, por isso reflexiva e não reflexa, como seria na esfera dos contatos. (FREIRE, 2007, p. 48)

A transcendência em Freire (2007) aparece como a capacidade do homem em dar-se conta de sua finitude, de seu ser inacabado, que sempre se renova. É sua capacidade de perceber que seu espírito e seu corpo sofrem transformações, e que ele pode administrar a mesmas.

Está na capacidade discernir os seus atos, de compará-los, de relacioná-los que o homem pode descobrir a sua temporalidade. A dimensão da temporalidade parece ganhar um destaque para Freire (2007), para o homem se reconhecer como diferente do animal. Diz o autor que

No ato de discernir, porque existe e não só vive, se acha a raiz, por outro lado, da descoberta de sua temporalidade, que ele começa a fazer precisamente quando, varando o tempo, de certa forma então unidimensional, atinge o ontem, reconhece, o hoje e descobre o amanhã. Na história de sua cultura terá sido o do tempo – o da dimensionalidade do tempo – um dos seus primeiros discernimentos. (2007, p. 49)

Afirma ele que nas culturas iletradas prejudicava ao homem não ter a dimensão da temporalidade desenvolvida, e, portanto, não ter consciência de sua *historicidade*. Ao não ter compreensão de ser fazedor de história e que esta se manifesta no tempo, não percebia a *consequência* de seus atos. Vivia afogado num “hoje constante” (FREIRE, 2007).

É o homem, portanto, um ser que existe no tempo. Ao se perceber como histórico, e como histórico as coisas do mundo, impregna sua ação de um sentido consequente. Ele faz *para* algo, *para* alguém, *por* algum motivo. Faz o homem parte do mundo não só pelo seu aspecto biológico, mas também pelo seu sentido criador, sendo assim, o homem é um ser *natural* e também um ser *cultural*.

O ser humano é aquele que a partir da natureza constrói o mundo humano, o faz isso através do trabalho sendo este produto de coisas palpáveis ou não. Ao *animal* não está dada a possibilidade de refletir, redimensionar aquilo que faz, não faz pergunta, somente responde aos estímulos da natureza, se ajusta às transformações, adapta-se.

As relações que o homem trava no mundo, com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas) apresentam uma ordem tal de características que a distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal. Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está *no* mundo, mas

*com* o mundo. Estar *com* o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. (FREIRE, 2007, p. 47)

O ser homem *existe* no mundo e, portanto, está com ele, não só *vive*, não somente faz contato com o mundo. Estando no mundo, reproduz sua vida de modo reflexivo, integrador, perguntador, é fazedor do seu caminho, ou melhor, tem as condições para sê-lo embora as estruturas sociais possam domesticá-lo, empurrando-o à esfera animal, de ajustamento. Freire (2007) em nota de rodapé comunica o que significa a diferença entre o *existir* e o *viver*:

Existir ultrapassa viver porque é mais do que estar no mundo. É estar nele e com ele. E é essa capacidade ou possibilidade de ligação comunicativa do existente com o mundo objetivo, contida na própria etimologia da palavra, que incorpora ao existir o sentido de criticidade que não há no simples viver. Transcender, discernir, dialogar (comunicar e participar) são exclusividade do existir. O existir é individual contudo só se realiza em relação com outros existires. (p.48-49)

Sendo o *existir* a capacidade de transcender, discernir, dialogar, já nos aponta a impossibilidade do ser humano estar sozinho no mundo. Este, para existir, necessita estabelecer relações de comunicação com outros homens para sobreviver, se reproduzir enquanto espécie, reproduzir sua vida social em diferentes dimensões, e conhecer e lhe ser inteligível o mundo que ele mesmo produz e o que seus antepassados construíram. Sua capacidade de existir lhe permite ser e estar *integrado*. Por mais que determinadas relações sociais provoquem a individualização do homem, sua existência é determinada pela relação que mantém com sua época, os outros e seus antepassados.

A não possibilidade dessas dimensões se realizarem aponta para o que o autor chama de *desumanização*. Sua desintegração, sua não possibilidade de diálogo, de optar, de transformar segundo a sua visão crítica, de não reflexão sobre o que ele mesmo faz, e, portanto, sendo agente a partir de imposições de um outro, o transforma em ser acomodado, ajustado, típico da esfera animal, sacrificando sua capacidade criadora.

Os contatos, por outro lado, modo de ser próprio da esfera animal, implicam, ao contrário das relações, em repostas singulares, reflexas e não reflexivas e culturalmente inconsequentes. Deles resulta a acomodação, não a integração. Portanto, enquanto o animal é essencialmente um ser da acomodação e do ajustamento, o homem o é da integração. A sua grande luta vem sendo, através dos tempos, a de superar os fatores que o fazem acomodado ou ajustado. É a luta

por sua humanização, ameaçada constantemente pela opressão que lhe esmaga, quase sempre até sendo feita – e isto é mais doloroso – em nome de sua própria libertação ( FREIRE, 2007, p. 51)

O nível ou condição em que se encontra a relação entre *viver e existir* nas relações humanas em diferentes grupos sociais, países, é parte importante da análise para se pensar o papel da educação e do educador crítico em cada realidade em que se propõem ser agente. Para o homem, ser capaz de integrar-se é uma possibilidade tanto quanto desintegrar-se, humanizar-se (desenvolver sua existência) e tão possível quanto desumanizar-se (abrir mão ou ser levado ou ser impedido de desenvolver suas capacidades de dialogar, transformar e criticar o mundo por ele produzido).

Por isso a *criticidade* em Freire parece como a possibilidade do homem humanizar-se. O que se pode deduzir é que o homem não nasce humano, mas que se torna humano na sua relação com a natureza e com os outros através de suas ações. Como afirma:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. (FREIRE, 2007, p. 51)

A conotação de criticidade que guarda a esfera humana, permite ao homem reconhecer a possibilidade de transformar as condições de sua existência. Se o mundo humano é uma infinidade de formas de ser, de agir, de estabelecer relações com a natureza, de explicações de mundo, um processo constante de mudanças e conseqüentemente de decisões; para dimensionar essas mudanças é necessário ao homem ler essas formas como a realidade se apresenta. Se não é capaz de ler, simplesmente é carregado, por aqueles que diante das mudanças tem seus interesses. Apesar de haver um potencial para criticidade no ser humano, esta deve ser desenvolvida e praticada. É neste sentido que a proposta de Freire quanto à conscientização, ressaltada mais adiante neste trabalho, ganha corpo.

Ser crítico, em Freire (1983, 2007), em grande parte significa apreender os temas e tarefas de sua época, participar da construção do mundo de forma ativa e refletida. Perceber o existir e agir na existência, desenvolver as

conotações da esfera humana de pluralidade, transcendência e consequência, não atrofiá-las. O seu atrofiamento, ajusta o homem, lhe joga na esfera animal do viver. O humanizar-se é uma *possibilidade* e não uma *inevitabilidade*. Portanto a História não é compreendida pelo autor de forma determinista. Neste sentido Paulo Freire (2007) afirma:

Por isso, desde já, saliente-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, apreendendo temas e tarefas de sua época. Esta, por outro lado, se realiza à proporção em que seus temas são captados e suas tarefas resolvidas. [...] Sua humanização ou desumanização, sua afirmação como *sujeito* ou sua minimização como *objeto*, dependem em grande parte de sua captação ou não desses temas. (p.52, *grifos do autor*)

Essa concepção parece ser base para compreender o movimento que propõe Paulo Freire focado na *conscientização* nas culturas em fase de transito, o que será aprofundado mais adiante neste trabalho.

Parte da luta que o ser homem trava no seu desafio de existir é superar os fatores que lhe acomodam, ajustam, desumanizam. Cada época tem suas tarefas históricas, e o homem deve se inserir nesta cumprindo, criticando e criando suas tarefas. Mais adiante esta questão será melhor enfatizada.

Em *Extensão ou comunicação?* (1983) Freire ressalta o conceito de *admirar*. Sendo próprio do homem a capacidade de *admirar* – ou seja, afastar-se de si mesmo e do que constrói, - pode, portanto, observar, analisar, criticar e transformar a si e aos seus feitos. Ao compreender a realidade, pode descobrir as “inter-relações verdadeiras dos fatos percebidos” (FREIRE, 1983, p.19) por assumir uma posição crítica, se percebendo como construtor das coisas e com capacidade de buscar a compreensão daquilo que faz e daquilo que já estava feito antes de sua chegada ao mundo. Freire (1983) compreende o ser *admirador* como posição normal do homem no mundo:

Expliquemo-nos: a posição normal do homem no mundo, como um ser da ação e da reflexão, é a de “ad-mirador” do mundo. Como um ser da atividade que é capaz de refletir sobre si e sobre a própria atividade que dele se desliga, o homem é capaz de realizar esta operação, de que resulta sua inserção crítica na realidade. “Admirar” a realidade significa objetivá-la, apreendê-la como campo de sua ação e reflexão. Significa penetrá-la, cada vez mais lucidamente, para descobrir as inter-relações verdadeiras dos fatos percebidos. (p.19)

Em *Educação como prática de Liberdade* (2007) Freire afirma que o homem, em especial o simples, aquele que não está nos centros de poder, vem renunciando sua capacidade de decidir, sendo expulso dos espaços de decisão pela posição social que é colocado, pela forma excludente que a sociedade está organizada. Se tornando objeto, e não sujeito.

As tarefas do seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas a ele apresentadas por uma 'elite' que as interpreta e lhas entrega em forma de receita, de prescrição a ser seguida. E, quando julga que se salva seguindo as prescrições, afoga-se no anonimato nivelador da massificação, sem esperança, sem fé, domesticado e acomodado: já não é sujeito. Rebaixa-se a puro objeto. (FREIRE, 2007, p.51)

Nas sociedades antidemocráticas, sem experiência de autogoverno, as elites têm o papel de captar as tarefas históricas das épocas e cumpri-las segundo seus interesses e delegar ao povo que as execute. Destituídos de sua capacidade criadora, sua comunicação com o outro, sem dar a sua marca para sua história e do mundo, os homens são *massificados*. A massificação é característica das sociedades reflexas.

## 2.2 O QUE É PRÓPRIO AO HOMEM: A CULTURA

O animal diante da natureza tem respostas reflexas, respostas padronizadas, adapta-se, acomoda-se; é, portanto, um ser do ajustamento. Já o ser humano busca a integração, transformando a natureza, a si mesmo e ao mundo por si criado, faz do seu pertencimento ao mundo e seu estar no mundo, *cultura* (domínio que lhe é exclusivo).

A cultura diferencia o homem de seu mundo e da natureza. O homem cumpre um papel ativo diante dos desafios. A transformação de si, da natureza e do mundo que cria, lhe liga aos demais homens. A cultura, através do trabalho, lhe comunica com a humanidade. Como coloca Freire (2007, p.117) “a cultura como acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez” tanto porque ele age sobre a natureza que está ali, quanto porque age sobre ação de outros homens que vieram antes deles ou que lhe são contemporâneos.

Em *Educação com Prática de Liberdade* (2007) Freire relata que a primeira questão a ser trabalhada nos Círculos de Cultura em Recife na década

de 1960 era a diferenciação entre a esfera humana e a animal e o homem como ser da cultura. Assim sintetiza o que na sua concepção é cultura:

A distinção entre os dois mundos: o da natureza e o da cultura. O papel ativo do homem *em* sua e *com* a sua realidade. O sentido de mediação que tem a natureza para as relações e comunicação dos homens. A cultura como o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. A cultura como resultado de seu trabalho. Do seu esforço criador e recriador. O sentido transcendental de seus relações. A dimensão humanista da cultura. A cultura como aquisição sistemática da experiência humana. Como incorporação, por isso crítica e criadora, e não como uma justaposição de informes ou prescrições "doadas". (FREIRE, 2007, p.117)

Para Freire a cultura deve ser resultado da apropriação do homem de sua própria humanidade, de sua temporalidade. Deve o homem transitar na história, conhecer a história, contar sua história, sem que seja impedido por forças que pretendem ocultar ou mistificar os fatos e a relações entre os fatos. Que não lhe seja imposto padrões, determinações de ser e estar no mundo, em que só recebe "prescrições" e às executa de forma mecânica, comparando-se a esfera animal, tendo respostas reflexas às situações que encontra.

Assim, a questão da democratização da cultura recebe uma grande relevância na proposta pedagógica freireana. Esta se apresenta, por exemplo, em sua explicação do motivo pelo qual entende que a leitura e escrita são uma das ferramentas que contribuiria para o homem simples apropriar-se de si mesmo como ser histórico. Para ele responder aos temas que estavam como colocados no período fazia-se importante este aprendizado. Parece-me que aqui fica mais claro o sentido de estar *no* mundo e *com* o mundo: ter acesso e ler de forma crítica o que a humanidade já construiu, principalmente ao que corresponde a sua realidade mais imediata, e a leitura e escrita estão neste contexto.

No entanto, ter acesso à cultura não significa dizer que o homem simples ou o homem analfabeto não tenha cultura. Pelo contrário, ele faz cultura, mas por diferentes motivos é levado a compreender que aquilo que faz é inferior, é menor, e que quem faz cultura são os grandes homens. Neste sentido a democratização está sim relacionada ao homem simples se apropriar do que a humanidade em diferentes momentos produziu, mas também ele ser *admirador* do que faz, descobrir no seu fazer a sua contribuição para o mundo.

Freire explica o intuito do trabalho realizado junto ao homem simples nos Círculos de Cultura:

Descobriria que tanto é cultura o boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como cultura também é a obra de um grande escultor, de um grande pintor, de um grande místico, ou de um pensador. Que cultura é a poesia dos poetas letrados de seu País como também a poesia de seu cancionero popular. Que cultura é toda a criação humana. (FREIRE, 2007, p.117)

### 2.3 LIBERDADE COMO LIBERTAÇÃO

Para que o homem possa desenvolver sua pluralidade, sua transcendência, perceber as consequências de seus atos, e criticidade é fundamental a liberdade. A falta de liberdade ajusta e acomoda o homem. Ao suprimir a liberdade o homem não pode decidir, optar, observar, fazer perguntas ao mundo que transforma. Em *Educação como Prática de Liberdade* (2007) Freire também aborda esta questão:

Por isso, toda vez que se suprime a liberdade, fica ele [o homem] um ser meramente ajustado ou acomodado. E é por isso que, minimizado e cerceado, acomodado a ajustamentos que lhe sejam impostos, sem o direito de discuti-los, o homem sacrifica imediatamente sua capacidade criadora. (p. 50)

Para o homem sacrificar a sua capacidade criadora é a sua desumanização, já que é a partir da criação que o homem pode manifestar a sua reflexão sobre sua realidade, e a partir da recriação que o homem pode refletir sobre aquilo que construiu. E nesta relação de criação e recriação feita de forma crítica e consequente que o homem manifesta sua humanidade e humaniza-se.

A luta pela sua não acomodação é a forma pela qual o homem pode integrar-se ao mundo, ou seja, estar *no* e *com* o mundo. Em nota de rodapé Freire (2007) salienta o conceito de integração, como forma de o homem ser sujeito e não objeto nas relações sociais que trava:

Insistimos em todo corpo de nosso estudo, na *integração* e não na *acomodação*, como atividade da órbita puramente humana. A integração resulta da capacidade de ajustar-se à realidade acrescida da de transformá-la a que se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade. Na medida em que o homem perde a capacidade de optar e vai sendo submetido a prescrições alheias que o minimizam e as suas decisões já não são suas, porque resultadas de comandos estranhos, já não se integra. *Acomoda-se. Ajusta-se.* O homem integrado é o homem *Sujeito*. (pg 50)

Para Freire não está dado ao homem ser livre. A natureza, assim como, as relações sociais alienantes tendem a moldá-lo e ajustá-lo. É parte da esfera humana a luta contra o amoldamento, e esta pressupõe o desenvolvimento da capacidade de crítica. Nada nunca está acabado, tudo é constante transformação.

Em Freire a liberdade aparece como ação coletiva, a liberdade pressupõe ação, que não se dá somente no campo individual, dimensão necessária, mas é imprescindível o coletivo. O indivíduo em suas buscas pode vir-se a libertar-se de algumas relações de opressão, por exemplo: mudar de emprego, encontrar um patrão que lhe pague melhor; pode a mulher indignar-se com o marido que lhe bate, denunciá-lo ou fugir de casa; pode o estudante rebelar-se e contestar a forma bancária que o professora lhe ensina determinada matéria. Embora essas atitudes sejam a busca por uma maior liberdade, se esgotam ao não haver uma ação que se comprometa a suprimir as relações sociais que permitem que nessa sociedade se reproduzam situações de violência, educação bancária, arrocho salarial. Somente a luta organizada coletiva pode resultar numa libertação global, que atinja as próximas gerações.

A proposta freireana de *conscientização* entende que a reflexão crítica é implica necessariamente com um compromisso do ser homem com a transformação da realidade. Ser crítico é necessariamente ser comprometido com a transformação, na perspectiva de Freire, para uma sociedade melhor sem opressão e democrática. Neste sentido a educação problematizadora, que seja capaz de *desvelar* a realidade e contribuir para que o homem se torne admirador e assuma compromisso com o que faz, tem um papel fundamental.

### 3 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

#### 3.1 O TRÂNSITO

Nos textos analisados Freire (1983, 2007) usa os termos *sociedades reflexas* e *sociedades em transição democrática*, referindo-se em especial ao período histórico vivenciado nos países da América Latina em que desenvolveu sua ação enquanto educador, no caso, Brasil e Chile.

Neste trabalho não me cabe realizar retomada histórica sobre o período, por exemplo, de efervescência popular nos dois países na década anterior às ditaduras cívico-militares que lhe abateram duramente e interromperam sua ascensão a níveis de democracia mais acentuados. No entanto, compreendo que o estudo deste período é fundamental para o entendimento do que para Freire seria o processo de formação da consciência.

Em *Educação com prática da Liberdade* (2007) o autor explica o que entende por *sociedade reflexa*. Esta seria aquela em que a maior parte da população não decide sobre a nação, é distanciada dos centros de decisão. Pela posição que ocupa não consegue ou é impedida de perceber a amplitude das relações que estão colocadas no complexo social. Não tem a visão do mundo, mas sim de sua comunidade ou de sua família; ou melhor, o mundo é sua comunidade. Tem uma postura reflexa, e não refletida da realidade. Está muito mais *imersa* do que *emmersa* no mundo.

Outra característica forte das sociedades reflexas está nas suas formas de explicar o mundo. Em *Extensão ou Comunicação?* (1983) Freire dá atenção especial na compreensão da lógica de explicação da sociedade que tem pensamento mágico, supersticioso e/ou mitológico da realidade. Não explica sua cultura pela ciência e sim pela superstição, religião ou mitos.

Importante salientar que a qualidade de ser reflexa, “fechada” ou aberta, apesar de ter uma determinação quanto as formas como aquela sociedade organiza sua vida e seu nível de consciência, não quer dizer que, por exemplo, uma comunidade rural seja mais reflexa que uma sociedade urbanizada. Em determinados graus de exploração e opressão em determinado contexto o nível de consciência pode ser fechado, conservador e reflexo no mesmo grau.

O que Freire percebe e analisa na América Latina, é que esta passa por uma fase de transição, em que mudanças bruscas ocorrem, estas exigem que o povo se coloque participativo nas mudanças, para que não seja usado como *coisa* das quais as elites servem para concretizar seus interesses. E, para tanto, é necessário que perceba sua realidade de forma crítica, perceba seus atos como seus, com causalidade, que se coloque no processo de construção da nação democrática. Afim que não seja lançado na *massificação*.

Freire (2007) se utiliza de algumas compreensões para definir a sociedade brasileira anteriormente à sua guinada ao desenvolvimento, à urbanização, à industrialização e possibilidade de transitar para uma sociedade democrática. Segundo o autor esta sociedade reflexa, “fechada”, era ponto de partida para se pensar o papel que deveria cumprir aqueles que se colocavam pela construção de uma sociedade democrática.

Situamos a sociedade ‘fechada’ brasileira colonial, escravocrata, sem povo, ‘reflexa’, antidemocrática, como ponto de partida de nossa fase de transição. Salientamos que esta, como um tempo anunciador, era o palco em que a nova época se engendrava na anterior. (FREIRE, 2007, p. 73)

Esta sociedade ‘fechada’ e intransitiva produzida, em especial, pelo tipo de colonização predatória, pouco empreendedora e de pouca intenção de integração formou a personalidade do homem brasileiro e de suas classes. Centrada em relações paternalistas, de mando, submissão e falta de diálogo, impediram que o homem simples e as elites brasileiras pudessem alcançar uma mentalidade democrática. Ao mesmo tempo é dessa realidade com as mudanças advindas do início de industrialização no Brasil que brota e se aprofunda conflitos sociais que anunciam a mobilização e ascenso das massas trabalhadoras entre as décadas de 1950 e 1960.

No Brasil Freire analisa o período da década de 1950 em que a população rural estava sendo jogada rapidamente aos centros urbanos, por conta do processo de industrialização crescente. O processo de industrialização, apesar de cruel, lhe possibilita perceber (o que não significa ainda perceber de forma crítica) as contradições que a sociedade passa, o desenvolvimento que é capaz de alcançar o trabalho humano (a cidade, os aparelhos de assistência social, fábricas, transporte), assim como percebe as

relações de poder, e mesmo as possibilidades de participação do homem simples nos processos de transformação da sociedade, potencializado, não sem problemas, pelos governos populistas.

Antes no início da urbanização, com a vinda da Corte Portuguesa para a Colônia, ou mesmo o processo industrialização se não houvesse sido feita de cima para baixo poderia ter se conformado como uma oportunidade do homem simples em experienciar a vida comunitária em outro grau.

Assim define Freire a sociedade brasileira:

Sociedade [...] com o centro de decisão de sua economia fora dela. Economia, por isso mesmo, comandada por um mercado externo. Exportadora de matérias-primas. Crescendo para fora. Predatória. Sociedade reflexa na sua economia, reflexa na sua cultura. Por isso alienada. Objeto e não sujeito de si mesma. Sem povo. Antidualogal, dificultando a mobilidade social vertical ascendente. Sem vida urbana ou com precária vida urbana. Com alarmantes índices de analfabetismo, ainda hoje persistentes. Atrasada. Comandada por uma elite superposta a seu mundo, ao invés de com ele integrada. (FREIRE, 2007, p. 57)

Porém essa sociedade rachou-se, abrindo a possibilidade de uma nova época, Freire (2007) afirma que a rachadura decorre “da ruptura das forças que mantinham a ‘sociedade fechada’ em equilíbrio”, esta ruptura se materializa nas alterações econômicas com o início do surto da industrialização (p.57). Estávamos em trânsito, pois as formas econômicas não mais serviam, assim como valores e explicações não mais se ajustavam às transformações. Esta situação colocava em contraste diferentes opiniões para aonde a sociedade brasileira deveria caminhar, que rumo tomar, as elites também repensavam seus projetos e o disputavam arduamente. Assim, o povo percebendo as mudanças, e como estas afetavam sua vida, percebeu que sua ação poderia alterar o rumo deste trânsito ao seu favor.

O trânsito se caracteriza pelas mudanças estruturais (econômica e políticas) que estavam colocadas, o processo brasileiro com grande mobilização das massas, assim como de outros países da América Latina como Chile, deram um caráter democrático para esse trânsito.

Encontrava-se então o povo, na fase anterior de fechamento de nossa sociedade, *imerso* no processo. Com a rachadura e a entrada da sociedade na época do trânsito, *emerge*. Se na imersão era puramente espectador do processo, na emersão descruza os braços e renuncia à expectativa e exige a ingerência. Já não se satisfaz em

assistir. Quer participar. A sua participação, que implica numa tomada de consciência, ameaça as elites detentoras de privilégios. (2007, p. 63)

Vir a ser uma sociedade “aberta” era uma possibilidade e não inevitabilidade, como demonstrou o Golpe de Estado, que tenta fazer recuar a possibilidade de democracia e de participação popular.

Nesta conjuntura de ascensão das massas, de crises entre as elites de qual caminho tomar para o desenvolvimento e para manutenção de seus privilégios, Freire (2007) explica qual era o caminho necessário a tomar numa perspectiva de libertação, inserindo o educador popular com parte importante neste processo:

Era ir ao encontro desse povo emerso nos centros urbanos e emergindo já nos rurais e ajudá-lo a *inserir-se* no processo, criticamente. E esta passagem, absolutamente indispensável à humanização do homem brasileiro, não poderia ser feita nem pelo engodo, nem pelo medo, nem pela força. Mas por uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse uma instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção. Educação que levasse em consideração os vários graus de poder de captação do homem brasileiro da mais alta importância no sentido de sua humanização. Daí a preocupação que sempre tivemos de analisar estes vários graus de compreensão da realidade em seu condicionamento histórico-cultural. (p. 67)

Ao educador crítico compete a análise da realidade na qual o povo está inserido para poder intervir, não pode este vir com uma verdade pronta e fechada e querer depositar no homem com o qual propõe um ato educativo. Deve compreender suas explicações de mundo e as bases que fazem que aquele homem explique seu mundo daquela maneira. Os mitos, as concepções mágica, a visão fatalista quanto a realidade, não são uma mentira que o homem inventa para se iludir, mas são a aparência como seus movimentos se apresentam no seu condicionamento histórico-cultural. Por isso, a importância que Freire dá ao processo de formação da consciência e suas determinações de época e as formas de reprodução da vida.

A educação não deve ser tão alienante quanto às próprias relações de opressão se colocam sobre o homem. Ela deve problematizar as suas próprias concepções de mundo, ajudar com que este crie perguntas para sua realidade.

A experiência dramática que a América Latina sofreu de colonização e governos impopulares, economia predatória, não lhe possibilitou viver uma experiência de democracia. Portanto, a marca importante do processo de transição é o que lhe precede, e no caso brasileiro, uma *inexperiência democrática*. Considerando a história de formação do povo brasileiro, é necessário olhar para trás para compreender como se constitui o processo de transito que as elites e as massas trabalhadoras foram protagonistas:

Daí não ser possível compreender nem a transição mesma, com seus avanços e seus recuos, nem entender o seu sentido anunciador, sem uma visão de ontem. Sem a apreensão, em suas raízes, no caso brasileiro, de uma de suas mais fortes marcas, sempre e presente e disposta a florescer, nas idas e vindas do processo: nossa *inexperiência democrática*. (FREIRE, 2007, p. 73-74)

A mobilização de parte significativa dos novos trabalhadores urbanos, e das massas rurais, assim como, a ascensão de governos populistas anunciavam um período de transição democrática. Era preocupação de estudiosos e educadores críticos que a urbanização e industrialização do país abrissem espaço não a um predomínio da massificação do homem simples, mas sim a sua *conscientização*.

### 3.2 AS SOCIEDADES REFLEXAS E A INTRANSITIVIDADE DA CONSCIÊNCIA

Partamos agora para as características das sociedades reflexas que tendem a apresentar uma consciência intransitiva. Quanto a isso, Freire (2007) argumenta que

Uma comunidade preponderantemente “intransitivada” em sua consciência, como o era a sociedade “fechada” brasileira, se caracteriza pela quase centralização dos interesses do homem em torno de formas mais vegetativas de vida. [...] Suas preocupações se cingem mais ao que há nele de vital, biologicamente falando. Falta-lhe teor de vida em plano mais histórico. (p. 68)

Os níveis de consciência parecem estar relacionados também com as experiências, relações sociais que os seres humanos estão envolvidos, assim como sua relação com a transformação da natureza, o trabalho, e o nível de

seu desenvolvimento. Não que essas relações sejam melhores ou piores, não me parece haver o sentido valorativo, mas que cada época, assim como cada forma em que o homem vive, tem determinações importantes no seu *existir* e, portanto como explica seu mundo, que perguntas é capaz de formular, e que tarefas se propõem a realizar.

As sociedades fechadas por se caracterizarem por uma relação mais comunitária, em grupos familiares não tem sua vida de forma tão abrupta ou perceptivelmente determinada por grupos externos, seus laços de dependência estão relacionadas em geral a membros de dentro do próprio sistema social, no qual a maioria dos indivíduos é capaz de se reconhecer, e sua sobrevivência está circunscrita às suas próprias atividades produtivas, tende a compreender o mundo de forma limitada. O mundo é o que aquele homem ou o que aquela comunidade vive. O homem está muito mais *imerso* na natureza do que emerso, suas preocupações estão restritas às suas relações com aquele grupo e com sua forma de reproduzir a vida.

É evidente que o conceito de “intransitividade” não corresponde a um fechamento do homem dentro dele mesmo, esmagado, se assim o fosse, por um tempo e um espaço todo-poderosos. O homem, qualquer que seja o seu estado, é um ser aberto. O que pretendemos significar com a consciência “intransitiva” é a limitação de sua esfera de apreensão. É a sua impermeabilidade a desafios situados fora da órbita vegetativa. Neste sentido e só neste sentido, é que a intransitividade representa quase um compromisso do homem com sua existência. O discernimento se dificulta. Confundem-se as notas dos objetos e dos desafios do contorno e o homem se faz mágico, pela não captação da causalidade autêntica. (FREIRE, 2007, p. 68)

Nas sociedades fechadas onde predomina o campo da *doxa*, ou seja, em que prepondera a opinião e não a verificação e cientificidade dos fatos percebidos, percebe-se a intransitividade da consciência. Nesta a relação do desenvolvimento da cultura e o nível de relação com a natureza, das relações de trabalho e suas determinações sobre a consciência, configuram uma compreensão mais emocional do que racional da realidade, mais instintiva.

Em *Extensão ou Comunicação?* (1983) escrito em 1971 no Chile Paulo Freire disserta sobre as relações sociais no nível da *doxa*. Essa obra me parece fundamental, pois ao analisar como a vida do camponês se organiza, entendendo suas formas de ler o mundo, Freire propõe como deve ser a intervenção do educador crítico no meio rural a fim de contribuir para aplicação

e desenvolvimento coletivo de um processo de reorganização do campo tanto no sentido do trabalho quanto da comunidade visando o desenvolvimento do país e sua ascensão à democracia. Além disso, Freire com sua análise nos ajuda a fazer um paralelo com a sociedade fechada brasileira anterior ao processo de transição. Diz Freire (1983):

Nestas relações com o mundo, através de sua ação sobre ele, o homem se encontra marcado pelo resultados de sua própria ação. [...] Através dessas relações, em que se transforma e capta a presença das coisas (o que não é ainda conhecimento verdadeiro), é que se constitui o domínio da mera opinião ou da "doxa". Este é o campo em que os fatos, os fenômenos naturais, as coisas, são presenças captadas pelos homens, mas não desveladas nas suas autênticas inter-relações. (p.17)

No nível da doxa o homem transforma e capta a presença das coisas, mas não se adentra na coisa, não tem uma percepção crítica do que faz, não aspira verificar os resultados, as formas ou movimento dos fatos de forma racional. O homem olha para aquilo que fez ou que está ao seu redor e por não percebê-lo de forma crítica confere aos fatos percebidos explicações mágicas:

Esta é a razão pela qual ao perceber um fato concreto da realidade sem que o "admire", em termos críticos, para poder mirá-lo por dentro, perplexo frente a aparência do mistério, inseguro de si, o homem se torna mágico. Impossibilitado de captar o desafio em suas relações autênticas com outros fatos, atônito ante o desafio, sua tendência, compreensível, é buscar, além da relações verdadeiras, a razão explicativa para o dado percebido. Isto se dá, não apenas como relação ao mundo natural, mas também quanto ao mundo histórico-social. (FREIRE, 1983, p.18)

Aqui mais uma vez aparece como o homem, a depender do meio que esteja inserido tem sua consciência modificada. Assim como transforma a natureza, o seu trabalho também o modifica. Tanto o ato de trabalhar quanto a relação com o produto do seu trabalho, e a cultura advinda do seu trabalho transforma sua consciência. O homem *pode* tornar-se mágico, *pode* tornar-se crítico, *pode* tornar-se fanático, são possibilidades.

Ao não *admirar*, portanto afastar-se do que faz, observar, analisar, desvelar, criticar e refazer, buscar as inter-relações, compreender o motivo pelo qual o seu trabalho se concretiza, a natureza se transforma ou o mundo se apresenta de determinada forma, o homem dá explicações mágicas para os fatos. Busca soluções que estão muito mais ligadas a sua crença de que um outro irá resolver do que confiar na sua existência a superação do desafio.

Freire em *Extensão ou Comunicação* (1983) dá alguns exemplos do que vivenciou no Brasil e no Peru como pensamento mágico:

As noites estraladas e frias, em certa área do altiplano peruano, nos contou sacerdote que vive e trabalha lá, são o sinal de uma nevada que não tardará a chegar. Em face deste sinal, os camponeses, reunidos correm até o ponto mais alto do povoado e, com gritos desesperados, imploram a Deus que não os castigue.

Se sinal é ameaça de granizo, conta o mesmo sacerdote, fazem uma grande fogueira, atirando para o ar porções de cinza, com ritmos especiais, e acompanhados de algumas “palavras força”.

Sua mágica, de caráter sincrético-religioso, é de que os granizos são “fabricados” pelas almas dos que morreram sem batismo. Daí, a sanção que esta comunidade impõe aos que não batizam seus filhos.

No nordeste brasileiro, é comum combater a praga de lagartas, fincando-se três estacas em forma de triângulo no lugar mais castigado por elas. Na extremidade de uma das estacas há um prego em que o camponês espeta uma delas. Está convencido de que as demais, com medo, se retiram, “em procissão”, entre uma estaca e outra.

Enquanto espera, contudo, que se vão, perde o camponês sua colheita, em parte ou em grande parte. (p.18)

Embora o pensamento mágico careça de sentido crítico, não significa que seja ilógico. Tem este uma dinâmica própria, uma forma própria de relacionar os fatos, significados, de explicar o mundo. Ao ser confrontado de forma mecânica, reage, por ter sua própria lógica interna, ou pode também assumindo essa confrontação buscar dar-lhe os moldes de sua própria lógica. Por isso, alerta Freire aos educadores que não adianta, de forma *bancária* ou depositária “enfiar na cabeça” do outro uma concepção qualquer sem que o próprio educador compreenda as forma como operam a consciência do sujeito com o qual está envolvido no ato educativo.

O pensamento mágico não é ilógico nem é pré-lógico. Tem sua estrutura lógica interna e reage, até onde pode, ao ser substituído mecanicistamente por outro. Este modo de pensar, como qualquer outro, está indiscutivelmente ligado a uma linguagem e a uma estrutura como a uma forma de atuar. Sobrepor a ele outra forma de pensar, que implica noutra linguagem, noutra estrutura e noutra maneira de atuar lhe desperta uma reação natural. Uma reação de defesa ante o “invasor” que ameaça romper seu equilíbrio interno. (FREIRE, 1983, p.19)

Parece-me que para Freire o estudo e análise das características no nível da doxa, ou quanto ao pensamento mágico naquele período era fundamental para compreensão da realidade brasileira e do Terceiro Mundo. Em *Extensão ou Comunicação?* (1983) ressalta que este era a lógica de atuar

e pensar, portanto nível de consciência intransitiva, preponderante nesta região do mundo, fundamentalmente nas parcelas rurais que apesar de sentirem as mudanças estruturais que estavam acontecendo em seus países e que em níveis diferentes afetavam suas condições de existência, ainda não haviam sido confrontados com outras formas de explicação do mundo.

Na obra recém citada é marcante a preocupação de que o educador seja capaz de ler a realidade e problematizá-la com o povo, que compreenda as explicações que este dá para seu fazer no mundo. E não as julgue como mentiras que devem ser trocadas por verdades do educador ou como ilógicas, e entenda que as explicações e nível de consciência está diretamente relacionada em como o homem produz sua vida material e o nível de exigência do conhecer que a realidade coloca para o homem. O conhecimento e sua investigação estão diretamente relacionados em como o homem reproduz sua vida e as exigências este ato lhe coloca. O papel do educador é ser capaz de ler essas relações e a lógica do pensamento para intervir, a fim de elevar da *doxa* à razão, atingindo um nível de percepção crítica da realidade, ou seja, *desvelar* a realidade, a fim de que o homem compreenda o mundo como parte de sua própria criação e de seus antepassados, e que, portanto, é modificado por ele, e que o ato de modificação se dê de forma consciente e crítica.

Qualquer que seja o momento histórico em que esteja uma estrutura social (esteja transformando-se aceleradamente ou não), o trabalho básico do agrônomo educador<sup>3</sup> [...] é tentar, simultaneamente com a capacitação técnica, a superação da percepção mágica da realidade, como a superação da “doxa”, pelo “logos” da realidade. É tentar superar o conhecimento, que, partindo do sensível, alcança a razão da realidade. Quanto mais alguém, por meio da ação e da reflexão, se aproxima da “razão”, do “logos” da realidade, objetiva e desafiadora, tanto mais, introduzindo-se nela, alcançará seu desvelamento. (FREIRE, 1983, p. 20)”

Com a urbanização e industrialização a sociedade brasileira, em especial a parcela urbana, passava por um processo de abertura, tanto as elites quanto o povo buscavam explicações que fizessem sentido no emaranhado de mudanças bruscas que ocorriam. O nível de intransitividade era substituído quase que automaticamente para a transitividade ingênua. No

---

<sup>3</sup> Educador agrônomo, aqui, refere-se ao debate que Freire está travando quanto ao papel do educador agrônomo junto às massas rurais no processo de transição democrática chilena antes do golpe militar neste.

entanto, algumas parcelas rurais, permaneciam exclusas do conhecimento dessas transformações ou não podiam ter acesso ao que a urbanização e industrialização demonstrava quanto a capacidade do trabalho humano e sua cientificidade, embora percebam as mudanças opressora que se davam no campo, à medida que o campo frente a nova conjuntura econômica deveria cumprir outro papel. Tanto que foi período de criação de sindicatos rurais, ligas camponesas.

A transição se caracteriza pelo momento em que tanto as frações das elites quanto o povo disputa os rumos que devem ser tomados. Esse período rico da história brasileira, parece nos ter muito ensinar sobre a formação da consciência, e o quanto o homem não é ser acabado, e sim ser da história, da transformação.

### 3.3 SOCIEDADE EM TRÂNSITO E A TRANSITIVIDADE INGÊNUA

Freire em 1960 vive uma época de grandes transformações na forma de dominação e expansão do capitalismo na América Latina e no continente africano. Época de ditaduras militares – antecedidas por governos populistas e um processo intenso de participação das massas populares nos debates nacionais –, de luta de libertação e de independência nacional, sobretudo na África, acirramento da luta por direitos civis e legítima de defesa negra nos Estados Unidos da América; vitória da Revolução Cubana, Guerra no Vietnã, Guerra Fria (polarização entre capitalismo e socialismo), burocratização e emergência econômica do socialismo soviético. Período em que os povos estavam respondendo de distintas formas ao avanço do capitalismo no mundo todo, ao mesmo tempo em que a esquerda e já podiam fazer um balanço das lutas anticapitalistas iniciadas séculos antes. Parece-me que é impossível entender Freire, suas perguntas e suas respostas, sem buscar como a esquerda brasileira e mundial estava lendo e agindo sobre esses diversos acontecimentos.

Em Freire parece ficar claro que as mudanças econômicas ocorridas no Chile e Brasil, e que provocam a expulsão do homem simples para a cidade, possibilitam uma nova visão. O fato de o homem ser transferido para a

condição da vida urbana já lhe possibilita alcançar ou estar em outra fase de sua consciência, a própria realidade transforma sua consciência, passando este de uma consciência intransitiva para uma *consciência transitiva ingênua*. Portanto, um processo quase que automático. Há uma nova forma de organizar e reproduzir a vida que coloca os fatos percebidos como algo que pode ser verificável, o que ainda não significa que o que percebe assume o papel de admirador do mundo, e também não significa que a industrialização e a urbanização exijam do homem simples este papel, pelo contrário, estas tendem a massificá-lo, desligá-lo da sua relação com o que produz.

No Brasil, para Freire, as mudanças econômicas criaram as condições para a transitividade da consciência das massas rurais e mesmo das massas já organizadas nos centros urbanos.

A passagem da consciência preponderantemente intransitiva para a preponderantemente transitivo-ingênua vinha paralela à transformação dos padrões econômicos da sociedade brasileira. Era passagem que se fazia automática. Na medida realmente em que se vinha intensificando o processo de urbanização e o homem vinha sendo lançado em formas de vida mais complexas e entrando, assim, num circuito maior de relações e passando a receber maior número de sugestões e desafios de sua circunstância, começava a se verificar nele a transitividade de sua consciência (FREIRE 2007, p. 70)

Diferentemente da sociedade reflexa, a sociedade que passa por um processo abertura permite ao homem ampliar sua percepção:

Na medida [...] em que amplia o seu poder de captação e de resposta às sugestões e às questões que partem de seu contorno e aumenta o seu poder de dialogação, não só com o outro homem, mas com o seu mundo, se “transitiva”. Seus interesses e preocupações, agora se alongam a esferas mais amplas do que a simples esfera vital. (FREIRE, 20017, p. 68)

O homem está agora mais *emerso* do que imerso na realidade. Suas preocupações se expandem, está pra além do viver, começa a se preocupar com as questões da existência. Temas que antes não estavam colocados se apresentam como: a inflação, o aluguel, o conhecimento da operação da máquina, a expulsão do campo, as “propostas” de trabalho fora da terra, o remédio sintético, etc.

No entanto, em primeiro momento, Freire (2007) enfatiza, que a transitividade da consciência é ingênua. Esta se caracteriza pela “simplicidade da interpretação dos fatos” (p.68). O homem perplexo diante das novas coisas que percebe, mas que ainda não pode explicar, fica horrorizado. Se sente paralisado diante dos problemas, das questões que lhe parecem impossíveis de serem respondidas por si mesmo ou pela produção de conhecimento da humanidade. Não vê para frente algo melhor, não enxerga na sua ação seja individual ou coletiva as condições para a situação melhorar. Talvez veja que é possível ele mudar de uma situação ruim para uma melhor, mas não que isso que se projete enquanto sociedade. Portanto tende “a julgar que o tempo melhor foi o tempo passado” (p.68). Tende a se ancorar num líder que lhe responda as suas milhares de perguntas que é incapaz de responder, e por não ser capaz de criticar, mas também não compreender aquilo que seu líder propõe agarra-se a ideias de forma fanática, como únicas verdades. Quem for mais convincente ganha a sua consciência. Ai se dá o caráter ainda mágico da consciência transitiva ingênua, não verifica suas respostas, crê fielmente que pensa por si mesmo, e seu pensamento é exclusivamente dele. É catastrófico, é irremediável, é por que é, ou é porque eu quero que seja, ou opto por ser uma opção minha.

Não pratica o diálogo, pois não sendo capaz de expor sua argumentação e suas dúvidas de forma precisa e clara, tende a ser polêmico, e não dialógico. Está nestas características a preocupação de Freire de que necessariamente é preciso uma educação que fomente a reflexão crítica dessa consciência. Pois a intransitividade oblitera a percepção dos fatos, mas transitividade do ingênua ao perceber os fatos, os deturpa e distorce (FREIRE, 2007, p. 69). Alerta Freire (2007):

Na medida, realmente, em que o homem, transitivando-se, não consegue a promoção da ingenuidade à criticidade, em termos obviamente preponderantes, e chega à transitividade fanática, seu compromisso com a existência é ainda maior que o verificado no grau da intransitividade. É que o compromisso da intransitividade decorre de uma obliteração no poder de captar a autêntica causalidade, daí seu aspecto mágico. Na massificação há uma distorção do poder de captar que, mesmo na transitividade ingênua, já buscava sua autenticidade. Daí seu aspecto mítico. Se o sentido mágico da intransitividade implica numa preponderância da alogicidade, o mítico de que se envolve a consciência fanática implica numa preponderância de irracionalidade. (p.71)

Portanto, apesar de a visão do homem ampliar-se dentro do contexto de transição, essa visão ampliada não é suficiente para fazê-lo ser *admirador* e assumir uma posição de compromisso com a existência. A própria transição ao criar tensão nas condições de vida do povo, o lança num processo de reivindicação, de participação, mas este necessita buscar suas próprias verdades para que seu projeto lhe garanta uma participação efetiva nas órbitas de decisão, que suas reivindicações não se percam nas promessas das elites e de líderes populistas. Como Freire observa

[...]quanto mais dinâmica a sua época, mais o homem deve usar cada vez mais funções intelectuais, do que emocionais e instintivas. (FREIRE, 2007, p. 52)

A fase de transição exige do homem simples que responda aos desafios de forma mais dinâmica, e que desenvolva suas funções intelectuais. Que aja sobre as coisas do mundo de forma mais racional do que emocional e instintiva.

Com os elementos já citados, é possível captar o que a compreensão de *sociedade em trânsito* engendra. Parece ser a *possibilidade* de mudança qualitativa da mentalidade do homem brasileiro sobre sua ação diante do mundo e das problemáticas que envolvem a nação, assim como sua inserção ativa e consciente como parte da mesma. É também a *possibilidade* de mudança da mentalidade das elites e governantes em se verem como responsáveis pelo desenvolvimento da nação, e de perceberem a necessidade de construírem esta através do diálogo com o povo. É a *possibilidade* do povo, não sem disputa, se colocar participativo na decisão do desfechamento da fase de transição.

Como já disse, a proposta freireana objetiva a ascensão da consciência transitiva crítica, ou seja em que aja o predomínio da razão e, portanto, da criticidade como forma de agir e pensar o mundo.

### 3.4 TRANSITIVIDADE CRÍTICA DA CONSCIÊNCIA

A ascensão à transitividade crítica da consciência se difere da intransitividade e da transitividade ingênua que tendem a ser produto das mudanças conjunturais que as massas ou indivíduos passam quanto às

possibilidades de reprodução de suas vidas. Sendo a transitividade crítica o nível da razão crítica, esta só pode se dar a partir de uma educação problematizadora, e se encontra o centro proposta freireana.

A visão da história, de homem e cultura em Freire como dimensões dinâmicas em relação de contradições, determinadas por diferentes fenômenos, e como devir, abre espaço para pensar o papel fundamental do educador crítico. Este que deve estar atento às tarefas de sua época e como se colocar diante delas.

O homem como *interferidor*, como sujeito: esse é o convite ao educador. O educador como aquele que se coloca para construir o devir, mesmo numa realidade que apequena a si e aos demais homens, que lhe reserva o espaço do viver e do ajustamento, de limite de apreensão da realidade e de crítica ao seu fazer e estar no mundo.

É na possibilidade da sociedade em trânsito para a ascensão à democracia fundamental e na ação das massas populares que ganha corpo o trabalho do educador crítico brasileiro na experiência que estou analisando a fim de compreender as concepções de Paulo sobre consciência. A democracia e a cidadania são objetivos da proposta freireana, esta são alcançadas a partir de uma educação voltada para participação, e que, portanto, assume seu papel político, estando ao lado do povo.

A democracia que, antes de ser forma política, é forma de vida, se caracteriza, sobretudo por forte dose de transitividade de consciência no comportamento do homem. Transitividade que não nasce e nem se desenvolve a não ser dentro de certas condições em que o homem seja lançado ao debate, ao exame de seus problemas e dos problemas comuns. Em que o homem participe. (FREIRE, 2007, p. 88)

O período de transição democrática aberto pelas contradições da forma de desenvolvimento do capitalismo no país e no mundo, e a reação e respostas das massas populares a este desenvolvimento, marcou a história do país no campo das elaborações teóricas entre a relação da educação e democracia. Assim a educação se coloca como instrumento de poder, de luta e como potencializador da organização popular. A fim de que os homens e suas organizações tenham um projeto próprio e não sejam levados pelo projeto das elites.

No Brasil na década de 1960 Freire afirmava que as mudanças profundas que ocorriam, apesar de abrir espaço para expansão da visão do homem simples quanto aos problemas e possibilidade humanas, também tendiam a jogá-lo na *massificação*, e o desenvolvimento da nação se dar sem a participação popular e às suas custas. Portanto o trabalho da educação popular no sentido crítico fazia-se urgente, assim como a necessidade de as demais instituições do estado passarem por uma reforma que garantissem a participação popular.

Tínhamos que nos convencer de uma obviedade: uma sociedade que vinha e vem sofrendo alterações tão profundas e às vezes até bruscas e em que as transformações tendiam a ativar cada vez mais o povo em emersão, necessitava de uma reforma urgente e total no seu processo educativo. Reforma que atingisse a própria organização e o próprio trabalho educativo em outras instituições ultrapassando os limites mesmos das estritamente pedagógicas. Necessitávamos de uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política. (FREIRE, 2007, p. 96)

Como já disse, diferentemente da circunstancialidade que se deu no Brasil a passagem da consciência intransitiva para transitiva ingênua, a ascensão para a transitividade crítica só se dá a partir de um processo educativo intencional por parte dos educadores comprometidos com a *democracia fundamental*. A inserção do homem numa sociedade urbana e industrializada, exigem “uma dose mínima de criticidade”, pois diferentemente das relações rurais que colocavam o homem numa imersão em relação a natureza, em que suas explicações mágicas eram suficientes para explicar o que ele não compreendia. Agora é o homem que faz, exige dele uma maior consciência de seus movimentos e do tempo. Porém essa dose mínima não é suficiente para que se integre e se perceba como agente do mundo que cria. Para Freire os regimes democráticos se caracterizam pela razão crítica, e, portanto a participação de todas as camadas da sociedade nas decisões.

A acomodação exige dose mínima de criticidade. A integração, pelo contrário, exige um máximo de razão e consciência. É o comportamento característico dos regimes flexíveis democráticos. (FREIRE, 2007, p. 82)

.....

A própria essência da democracia envolve uma nota fundamental, que lhe é intrínseca - a mudança. Os regimes democráticos se nutrem na verdade de termos em mudança constante. São flexíveis,

inquieta, devido a isso mesmo, deve corresponder ao homem desses regimes, maior flexibilidade de consciência (FREIRE, 2007, p. 98)

A característica da transitividade crítica é a “profundidade na interpretação dos problemas”, e busca de explicações casuais e não mágicas (FREIRE, 2007, p. 69). Os fatos percebidos são verificados, revisados, não são simplesmente achados que o homem não é capaz de decodificar e perceber suas inter-relações. Necessita compreender por que sabe que disso decorre seu maior compromisso com a existência, procura desvelar porque assim pode melhor agir. Procura despir-se dos preconceitos ao fazer análises dos problemas, e na apreensão “esforça-se para evitar deformações” (p.68).

Se na transitividade ingênua delegava ao outro que lhe representasse e dissesse por ele, como os líderes populistas. Agora repugna “posições quietistas”, pois tem opinião e decide, e sabe que se não diz outro diz por ele. Fechado antes a ideias fixas, as quais não entendia e que se agarrava, de forma verborrosa, defendendo-as como se fossem suas, assume uma posição de diálogo, de abertura ao novo. Pode dialogar por que refletiu sobre seus problemas, buscou relações, percebeu contradições, criou certezas e dúvidas, e por isso, pode ir para o diálogo, aberto (FREIRE 2007, p,68).

Para Freire (2007) a “posição transitivamente crítica implica num retorno à matriz verdadeira da democracia”. Afirmo ele

Daí ser esta transitividade crítica característica dos autênticos regimes democráticos e corresponder a formas de vida altamente permeáveis, interrogadoras, inquietas e dialogais, em oposição às formas de vida “mudas”, quietas e discursivas, das fases rígidas e militarmente autoritárias [...] (p.. 70)

Sendo limitado este estudo a algumas obras que Freire escreve até a o final da década de 1970, não cabe aqui sistematizar, e nem eu o poderia, como Freire compreendeu o novo período de abertura democrática e de possibilidade transição que o Brasil viveu após a ditadura militar. Em *Educação com Prática de Liberdade* (2007) Freire entende que o Golpe de Estado promoveu um recuo na possibilidade democrática, tensionando a sociedade brasileira a voltar a uma posição reflexa perante a realidade, com uma consciência transitiva ingênua. Qualquer esforço no sentido tentar evitar a desumanização era vista como ação subversiva, e, portanto, digna de ser extinta, como o foi, por

exemplo, as experiências de alfabetização popular, que se multiplicavam no Brasil antes do golpe.

#### 4. CONSCIENTIZAÇÃO PARA SUPERAR A MASSIFICAÇÃO

Está em Freire uma preocupação preponderante de que o homem seja capaz de captar o momento histórico em que vive, possa captar suas tarefas, possa intervir de forma consciente e que não sirva de objeto para executar as tarefas que a elite, querendo que as épocas cumpram tarefas de seu interesse, lhe imponha. Cada época histórica coloca novos desafios a serem captados e resolvidos pelos homens, e

[...] só na medida em que se prepare para esta captação, é que poderá intervir, ao invés de ser simples espectador, acomodado às prescrições alheias que, dolorosamente, ainda julga que são suas. (FREIRE, 2007, p. 52-53)

Por não ler sua realidade e as relações de poder e dominação e quanto essas interferem em sua forma de pensar e agir, é que o homem muitas vezes entende que suas ideias são suas, não percebe muitas vezes como seus atos e pensamentos são dominados pelas tarefas que as elites lhe impõe.

É no homem *interferidor* que Freire vê a libertação, na sua integração com o mundo, para que não seja ajustado, e cumpridor de tarefas que lhe apequena, e que lhe confere o papel de objeto num mundo que ele mesmo cria. Percebe-se o quanto em Freire (2007) a historicidade e captação da mesma pelo homem simples têm uma grande importância. É no captar a época em que vive, buscando de forma consciente e crítica as tarefas que lhe permitam a existência que o homem se faz homem, e não objeto. A “sua humanização ou desumanização, sua afirmação como *sujeito* ou sua minimização como *objeto*, dependem, em grande parte, de sua captação ou não desses temas” (FREIRE, 2007, p. 52).

Na aceleração que vive as sociedades industrializadas, ou afetadas pela industrialização o homem percebe que os tempos mudam, mas infelizmente não compreende o conteúdo dessas mudanças. A industrialização com a características de transformar os homem em meras *coisas*, homens que não podem intervir no que fazem, não optam, não dialogam, não decidem, não se percebem vinculados, e fruto de muitas gerações, não enxergam seu trabalho como algo seu e responsabilidade sua. São homens massificados. Presos entre si, aglomerados, como uma massa morta e cinzenta. Percebem as

mudanças, mas os fatos percebidos, não são apreciados criticamente, assumindo o homem uma posição fanática, em que não podendo captar sua realidade, prefere o “sempre foi assim e sempre será”. Anula-se, e aí está sua tragédia. E assim, como nos alerta Freire (2007),

E sem a capacidade de visualizar esta tragédia, de captar criticamente seus temas, de conhecer para interferir é levado pelo jogo das próprias mudanças e manipulado pelas já referidas prescrições [tarefas que as elites lhe confere] que lhe são impostas ou maciamente doadas. Percebe apenas que o tempo muda, mas não percebe a significação dramática da passagem [transição para a possibilidade de democracia], se bem que a sofre. Está mais imerso nela que emerso. (p.53)

O homem na sociedade massificada apesar de aparentar ter iniciativa e otimismo, um indivíduo que tem capacidade de alcançar suas expectativas por conta própria, “está esmagado por um profundo sentimento de impotência que o faz olhar, como que paralisado, para as catástrofes que se avizinham.” (FREIRE, 2007, p. 52). Por isso Freire enfatiza a necessidade da permanente atitude crítica e que isso seja potencializado no processo de educação, um processo que o homem perceba sua condição de massificado.

Como já ressaltai, a transitividade ingênua conduz a um compromisso maior com a existência. É a ascensão à transitividade crítica que permite ao homem humanizar-se plenamente. No entanto, esta transitividade, segundo Freire, só pode se alcançar a partir de um ato educativo intencional, que assuma sua política a favor da libertação do povo, a *conscientização*<sup>4</sup>.

Freire em *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire* (1980) faz uma diferenciação importante quanto à *tomada de consciência* e *conscientização*. Uma das características do homem é a capacidade de distanciar-se do objeto que cria e admirá-lo. “O homem é capaz de agir conscientemente sobre a realidade objetivada”. É nesta capacidade intrínseca ao homem que se manifesta a “práxis humana”: “a unidade indissolúvel entre minha ação e minha reflexão sobre o mundo” (1980, pag. 25-26). No entanto, esta percepção da realidade,

---

<sup>4</sup> No livro *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire* escrito em 1979, Freire esclarece que embora o conceito de conscientização seja conceito central de educação, não é ele autor deste conceito. O Instituto Superior de Ensino Brasileiro em 1964, que contava com estudiosos como Alvaro Vieira Pinto e o professor Guerreiro, já vinham utilizando este conceito. Dom Helder Camara contribuir para sua difusão no mundo. (FREIRE, 1980, pag.25)

no primeiro momento não se dá por sua consciência crítica e sim por sua consciência ingênua.

Esta tomada de consciência não é a ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea da apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível na qual o homem assume uma posição epistemológica. (FREIRE, 1980, p..26)

A *conscientização* é a concretização do desenvolvimento da criticidade, o que no homem aparece inicialmente apenas como uma conotação, e que pode tanto expandir-se quanto atrofiar-se. É a união potencializada de sua capacidade de perceber a realidade, observar suas inter-relações, analisar, criticar e propor-lhe perguntas, concretizar respostas podendo avaliar o caminho que fez. É a união entre teoria e prática, é “ação-reflexão”, esta quando consciente, possibilita a libertação do homem das relações que o acomodam e ajustam a realidade. Assim, a conscientização para Freire aparece como a relação entre a consciência e o mundo. A conscientização implica que o homem se coloque como agente crítico do mundo, não adianta somente contemplar a realidade.

Neste sentido que a transitividade crítica é a manifestação do compromisso do homem com sua existência. Paulo Freire (1980) assim sintetiza:

Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homem assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. (p. 26)

A educação que as elites brasileiras reservavam as massas não lhe possibilitavam a *conscientização*, assim como as universidades não tinham apreço para o desenvolvimento da criticidade:

Nada ou quase absolutamente nada existe em nossa educação, que desenvolva no nosso estudante o gosto da pesquisa, da constatação, da revisão dos ‘achados’ – o que implicaria no desenvolvimento da consciência transitivo-crítica. Pelo contrário, a sua perigosa superposição à realidade intensifica no estudante a sua consciência ingênua. (FREIRE, 2007, P.102)

Portanto, haveria de se investir numa educação problematizadora, que se baseasse numa “tentativa constante de mudança de atitude”. Uma

educação que criasse “disposições democráticas através da qual se substituíssem no brasileiro, antigos e culturoológicos hábitos de passividade, por novos hábitos de participação e ingerência de acordo com o novo clima de transição” (FREIRE, 2007, p.101).

Sendo necessária uma educação para a democracia era importante que não ficasse restrita à escola, mas inundasse diferentes campos e instituições. Quanto à educação escolar, a alfabetização popular ou o educador como agente nas organizações populares Freire em *Conscientização* (1980) faz algumas considerações importantes.

Propõe que se verificarmos um espaço educativo, encontraremos uma ação narrativa. Esta situação tem dois polos: o sujeito da ação que narra algo, e o objeto (passivo) da ação que escuta. Nesta relação a educação tende a “petrificar-se”, a ser algo “sem vida”. “A educação padece da doença da narração” (FREIRE, 1980, p. 78)

Este tipo de educação não abre espaço para o desenvolvimento da criticidade. Acaba por ser um ato de depositar informações, conteúdo, narrações, por mais que sejam com boas intenções seu conteúdo autoritário e opressor não muda. A este estilo de educação, Paulo Freire dá o nome de *educação bancária*:

Na educação bancária da educação, o conhecimento é um dom concebido por aqueles que se consideram como seus possuidores àqueles que se consideram que nada sabem. Projetar um ignorância absoluta sobre os outros é característica de uma ideologia de opressão. É uma negação da educação e do conhecimento como processo de procura. (FREIRE, 1980, p. 79)

Segundo Freire o “educador humanista revolucionário” (1980, p.80) deve estabelecer uma relação de diálogo com seus alunos, comprometer-se junto com eles a uma busca pela humanização, deve compartilhar seus aprendizados, mas aprender com os aprendizados que seus companheiros no processo de ensinar-aprender trazem. Para tanto deve colocar no mesmo nível nas relações com os alunos. Esta lógica vai de encontro com a concepção bancária que se baliza em relações hierárquicas de opressão.

Por último, ressalto o caráter *utópico* que Freire dá à *conscientização*. Nas palavras do autor (1980):

Para mim o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico. (p. 27)

O ato educativo presente na *conscientização* está carregado de sentido denunciador das forças que insistem em desumanizar o homem, e de sentido anunciador ao buscar as formas de agir e pensar que possibilitem ao homem um processo constante de conscientização, reflexão sobre o que faz, de transformação. Neste sentido ele é utópico ao se destinar a algo que ainda não está dado, mas deve ser construído pelo homem, não há garantias que o consiga, e sim a caminho a se trilhar.

Freire alerta que sua concepção de utopia exige o conhecimento crítico, e, parece, portanto, negar que a utopia seja baseada na emoção, superstição ou instinto. A utopia só se concretiza no fazer da história.

## 5 CONCLUSÕES EM ABERTURAS...

Sendo o objetivo deste trabalho se aproximar da elaboração teórica de Paulo Freire quanto ao processo de formação da consciência, pude refletir sobre questões que vão além da questão da consciência. O estudo das concepções filosóficas quanto às categoria de homem e cultura, possibilitou-me entrar numa campo de reflexão que pouquíssima vezes fui convidada durante a graduação de Pedagogia.

Diversas questões, dúvidas e estranhamentos se revelaram durante o estudo. Algumas delas abordo neste espaço para o que chamamos de *conclusão*, que na realidade me parece mais um espaço para questões para novos estudos. Mesmo das concepções que me parecem mais compreensíveis, entendo que é necessário um estudo ainda mais aprofundados das obras analisadas e das de outras elaboradas até o fim da vida de Freire para captar o movimento que seu pensamento foi desenvolvendo. Para assim poder, realizar uma análise crítica e aprofundada e consistente.

Entre as diversas questões que ficaram, cito em forma de tópicos, sem a pretensão de querer cerceá-las numa coerência que ainda no meu pensar elas não tem. Algumas questões provavelmente estejam e estão colocadas nas próprias obras estudadas, no entanto, não tendo sido elas focos de minha análise até o momento, devo reler as obras no sentido de dar conteúdo a essas questões e buscar outras que possam aprofundá-las.

- Em Freire a relação entre *consciência* e *saber* parecem estar próximas, mas ao mesmo tempo que são muito diferentes. Parece-me que o homem ou a mulher ter um conhecimento vasto sobre questões diversas, não dá a sua consciência um caráter transitivo crítico. Cabe ao educador questionar o seu próprio conhecimento, e perceber o quanto de mitológico e mágico pode se colocar a ciência numa sociedade que ideologiza as relações para manter suas estruturas de dominação. Portanto, além de conhecer a realidade na qual atua e como se manifesta a consciência nesta, é necessário que o próprio educar faça um processo de conhecer a si mesmo, a lógica de seu pensar e

agir. Durante este estudo não pude aprofundar no caráter político da educação, é uma questão que para frente deve ser verificada.

- Tomando a elaboração de Freire, e compreensão que tive das obras *Educação como Prática da Liberdade* e *Extensão ou comunicação?*, hoje não me parece que vivemos numa época de transição, por mais que ocorram mudanças, por mais que haja movimentos populares reivindicativos, em que as estruturas econômicas e políticas passem por uma mudança brusca e que tensionem as camadas da sociedade a confrontarem seus projetos e disputá-los de forma mais radicalizada. Neste período que não são de transição qual o papel do educador crítico?

- O que deve o educador crítico conhecer profundamente? O que deve estudar? Qual deve ser a unidade e coerência do seu pensamento?

- Durante o estudo o que mais me chamou a atenção e provocou reflexão foi a concepção de intransitividade da consciência. Tenho curiosidade de compreender como Freire continuou desenvolvendo sua elaboração quanto à intransitividade da consciência, com a propagação dos chamados Estudos Culturais que parecem valorizar, a dimensão da diferença da cultura. Para Freire o pensamento mágico e mitologizado da realidade deve ser elevado a razão, por mais que deva ser considerado, respeitado, por ser fruto das relações sociais que as sociedades desenvolvem em determinadas condições. Portanto, aparece como um pensamento a ser superado. A partir de sua elaboração como analisar, por exemplo, as lutas indígenas que reivindicam além da terra para reproduzirem sua vida, também a reivindicam para reproduzir sua cultura? Que leitura faz dessas lutas e sujeitos históricos que pós-ditadura conseguem trazer suas pautas para a discussão da nação?

- Como se dá a construção do conhecimento? Como o ser humano conhece?

- Qual a relação na obra freireana de consciência e ideologia? Qual sua concepção de alienação e de ideologia? Como ao educador é perceptível se sua ação é ideologizante ou alienante?

- Freire nas obras lidas coloca a democracia fundamental como um dos objetivos ao qual educação problematizadora está vinculada. Qual sua concepção de democracia? Percebi nos textos que fala de Atenas como uma

referência. No entanto, em Atenas, era uma sociedade que considerava parte do que hoje chamamos de humanos, como escravos ou coisas ou seres incompletos. Portanto, nessa referência aparece como uma forma política circunscrita a uma sociedade de classes. Lenin concebe democracia como uma forma política de dominação de classe, que inclusive pode ser usada pelos trabalhadores no período de transição socialista. Não me parece que estejam falando da mesma democracia. No que consiste o termo democracia fundamental? Democracia é um fim ou um meio para algo que está para além dela mesma?

- Apesar de não ter sido o foco deste trabalho, a questão da libertação em Freire é fundamental. Em *Pedagogia da Esperança*, ele ratifica que o oprimido é o único que pode promover a libertação, e o libertar-se, ou no movimento que faz para isso pode ser capaz de libertar o opressor, pois este não pode libertar-se sozinho. No que consiste essa libertação? Parece que se dá campo da opressão. Poderá ser da condição de exploração? Sendo da condição de opressão o que Freire compreende como resultado no fim da relação de opressão?

Esta entre outras questões foram tensionantes durante este estudo. Espero que esta aproximação realizada por mim possa contribuir com estudo e aprofundamento daqueles que passem por essas páginas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 30ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 8ª edição. Rio de Janeiro: a Paz e Terra. 1983.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização – teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3ª edição. São Paulo: Moraes, 1980.